

Compulsão a repetição e gozo  
No INFERNO de Dante.  
Ou  
Do gozo à falta.

Por

M<sup>a</sup> da Glória S. Telles da Silva



"Dante e seu Poema". Pintura de Domenico di Michelino (1460).

Compulsão a repetição e gozo  
No INFERNO de Dante.  
Ou  
Do gozo à falta.

M<sup>a</sup> da Glória S. Telles da Silva

“...nós estamos feitos para a arte, estamos feitos para a memória, estamos feitos para a poesia ou possivelmente estamos feitos para o esquecimento”.

J. L. Borges

O inferno nos conhece, é a vida do dia-a-dia.

J. Lacan

Ao longo das leituras que realizamos dos cantos do Inferno, vimos se delineando a estrutura que marca essa fantástica construção literária que é A COMÉDIA<sup>1</sup>, de Dante Alighieri.

No texto de César Leal, *Dante e os Modernos*, publicado em *A Águia e o Simurgh*<sup>2</sup>, o autor nos declara que as penitências existentes no Inferno de Dante não se referem a idéia de pecado, ou seja, de um mal praticado que deva ser espiado *ad eternum*, mas *se pune com o Inferno a perda de um princípio*. Leal

---

<sup>1</sup> A denominação de *Divina* é acrescida em 1555 por Boccaccio.

<sup>2</sup> Leal, César. *A águia e o Simurgh*. HCE, Porto Alegre, 2011.

também refere que *o Inferno não é um lugar, mas a perda do poder de escolha*. Temos aí duas colocações que me permitiram pensar que o que foi apresentado por Dante neste valioso texto aponta a certa condição do humano que, não sendo regido apenas pelo intelecto, passará a vida – vivo ou morto – repetindo ações que estão movidas por uma força de outra ordem que proponho ler como sendo da ordem inconsciente.

Lembemos da epígrafe que Freud apresenta em seu texto *A interpretação dos sonhos*: FLECTERE SI NEQUEO SUPEROS, ACHERONTA MOVEBO (Se não se posso mover a superfície, moverei as regiões infernais). Há aí uma clara evidência da relação que fez Freud do Inferno como correlato do inconsciente. Partindo daí, e considerando que o valor do texto de Dante vai além do que sua iconografia nos invoca, creio que é preciso ultrapassar o declarado cunho religioso contido nessa obra, já que, explicitamente, trata da peregrinação de um homem pelos caminhos em direção a plenitude do Paraíso, sendo este o equivalente ao estágio mais próximo ao encontro com a verdadeira luz, tomado ali como e encontro com Deus.

Escutei outro dia de Luiz-Olyntho, um comentário a propósito do pai que deixa de herança 35 camelos para dividir entre seus três filhos<sup>3</sup>. Tal divisão só é possível fazer quando se

---

<sup>3</sup> Eram três irmãos. Haviam recebido uma herança de 35 camelos do pai, sendo a metade para o mais velho, a terça parte para o irmão do meio e a nona parte para o irmão mais moço. Acontece que a metade de 35 camelos corresponde a 17 camelos inteiros mais meio camelo!

O irmão do meio receberia a terça parte, ou seja, 35 dividido por 3, o que resulta em 11 camelos inteiros mais  $\frac{2}{3}$  de camelo!

O caçula receberia a nona parte de 35 camelos, ou seja, 3 camelos inteiros e  $\frac{8}{9}$  de camelo!

Mas o sábio Beremiz resolveu o problema. Vejamos o que ele propôs:

- Encarrego-me de fazer com justiça essa divisão, se permitirem que eu junte aos 35 camelos da herança este belo animal que, em boa hora, aqui vos trouxe.

Os camelos agora são 36 e a divisão é fácil:

. o mais velho recebe:  $\frac{1}{2}$  de 36 = 18

. o irmão do meio recebe:  $\frac{1}{3}$  de 36 = 12

introduz mais um. Assim também Deus, esse *mais um* que nomeamos e introduzimos na cultura como elemento ordenador dessa falta que nos marca como humanos. Sendo assim, Deus bem pode ser um nome que nos permite organizar e dar movimento à vida.

Ao fazer uma leitura dos elementos que encontramos na estrutura do texto de Dante, o que chamou minha atenção é que ele está permeado pelo que mais tarde Freud veio chamar de “compulsão à repetição”.

As vicissitudes vividas no inferno dizem de uma repetição. Repetição essa que excede a vontade daquele que ali se encontra, mas tem relação com o modo como conduziu sua vida, por assim dizer, terrena. Ora, essa repetição pode ser pensada como a expressão de uma via pulsional, ou seja, uma forma de seguir buscando uma satisfação, que visa, em última instância, a busca da plenitude, ou seja, a falta da falta. Por isso, as cenas passadas no inferno nos causam a sensação do horror.

Trata-se então de alegorias que descrevem os efeitos de uma pulsão que conduz a uma repetição, repetição esta que aprisiona o sujeito a uma ação interminável do mesmo. Isso nos leva a vislumbrar aí o conceito de gozo que Lacan introduziu ao campo da psicanálise. Falo aqui deste gozo que, na via imaginária, supõe o encontro com uma plenitude de satisfação. Tomado por esse viés, diria que o INFERNO da DIVINA COMÈDIA é uma ode ao gozo.

Vejam também que seu texto mantém, do início ao fim, uma preciosa preocupação em repetir elementos que fazem marca de

---

$\frac{1}{9}$   
. o caçula recebe:  $\frac{1}{9}$  de  $36 = 4$   
O primeiro dos irmãos recebeu 18, o segundo, 12 e o terceiro, 4. O total é  $18 + 12 + 4 = 34$  camelos. Sobram, 2 camelos. Um deles pertence a meu amigo. Foi emprestado a vocês para permitir a partilha da herança, mas agora pode ser devolvido. O outro camelo que sobra, fica para mim, por ter resolvido a contento de todos este complicado problema de herança. (Retirado do livro "O homem que calculava" de Malba Tahan).

uma proposta, lida por muitos como da ordem religiosa. Diria que sua obra tem força por portar aí elementos que são próprios à estrutura mental do homem, e o que Dante fez foi dar visibilidade textual a isso.

O que é interessante, é que, tal qual na vida, muitas vezes presenciamos sofrimentos que nos levam a ver, num primeiro momento, alguns homens como vítimas de uma situação, mas, ao examinarmos mais detidamente, identificamos que tal sofrimento nada mais é que uma forma disfarçada de gozar de certa situação. É essa mesma estrutura que Dante nos apresenta na sua *Comédia*. As penas sofridas no Inferno são corolários das ações realizadas na vida daquele sujeito. O que vem a chamar-se de punição<sup>4</sup> é a possibilidade de provar o gosto do que produziu em vida.

Encontramos também n'A COMÉDIA essa estrutura ternária que vai compondo o texto redobrado no texto: **três versos**, somando 40 a 50 tercetos em cada canto, e **trinta e três cantos** ordenados em **três cânticos** (Inferno, Purgatório e Paraíso) ou, por que não dizer, estágios. Podemos ler aí também os registros do real, simbólico e imaginário que nos apresentou Lacan e que compõe a nossa estrutura subjetiva.

Cada cântico está descrito por uma estrutura que não é exatamente linear, mas – com bem marcado nas imagens que nos apresenta Dante – é circular. Cada cântico tem 9 círculos. Essa mesma estrutura circular é o que Freud, e depois Lacan, usaram para apresentar o movimento e a estrutura da pulsão. Na pulsão, uma força constante (drang), ou seja, infinita enquanto dura, busca circundar o objeto (causa) dessa pulsão, sem jamais alcançá-lo, construindo assim um movimento que se repetirá incessantemente. Esse objeto, considerando exatamente o que a

---

<sup>4</sup> A etimologia do vocábulo punição deriva do latim *punitio, ónis* 'punição', der. do v.lat. *punire* 'punir'; ver *pen(i/o)-*; vocábulo incluído na língua em 1553, portanto, posterior a *Comédia*.

palavra objeto nos apresenta, será sempre ob-iectum, lançado adiante, formando assim um vácuo, um vazio, de onde vem a força para essa busca incessante. Nesse sentido, a imagem que bem representa esse movimento pulsional pode equivaler-se a espirais.

Esse vazio, resultante deste intervalo entre o que se quer alcançar e o que não se alcança, é a marca mesma de um desejo, expresso naquilo que nos move na vida: um, por assim dizer, eterno movimento em busca de uma satisfação nunca plenamente alcançada. A essa descoberta Freud chamou “compulsão à repetição”.

Seria cabível, então, pensar o trajeto proposto por Dante n’A COMÉDIA, como corolário dessa trajetória da vida, em que caminhamos entre o gozo e a falta?

Jogados ao mundo numa condição de desamparo psíquico e motriz, passamos a vida resistindo a reconhecermo-nos fruto da incompletude. Filhos do cuidado, *Sorge*<sup>5</sup>, necessitamos do Outro para adquirirmos condições de zelar a própria vida. Confunde-se, para muitos, o reconhecimento dessa dependência com esperar tudo do outro. Criam-se mundos onde se imagina, então, possível alcançar esse impossível de plenitude (é o que entendo que o eterno representa) e, muitas vezes, nega-se ou repudia-se os limites que a vida, sob as condições da incompletude, nos impõe.

Assim sendo, no encontro com Deus, fim dos que estão no Paraíso, pode-se ler aí um paradoxo: é o reconhecimento de nossa condição humana, a de SERES EM FALTA, ao mesmo tempo em que busca eliminar essa mesma condição, criando um mundo onde tudo tende à plenitude. Beatriz, marca desse vazio doloroso que acompanhou a vida de Dante, guiou-o nesse seu trajeto, sendo suporte do sem sentido da vida. Desde essa falta,

---

<sup>5</sup> Mito trabalhado por Hegel.

trilhamos nosso penar por essas bandas. Cada qual com os recursos de que dispõe.

E a força do texto de Dante – com sua narrativa em primeira pessoa – está em que ele é o primeiro a nos contar o quanto o penar pode ser profícuo quando passa pela pena do poeta.

E finalizo com um poema de Roberto Juaroz:

*Puede ser que la eternidad no sea otra cosa  
que concentrarse sin alrededores  
en el pensamiento más denso  
y quedarse allí como una planta despierta  
que coloniza para siempre su minúsculo espacio.*

*Dezembro de 2012*